

Editor responsavel, ANTONIO PACHECO

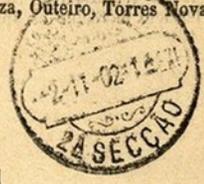
Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Praça da Batalha, 145—PORTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Condições d'assignatura

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.



# PATHOLOGIA SOCIAL



ZERO

Um educador do povo recebendo os fructos da educação que ministrou.

## Politica



**S**UA Magestade EL-REI, ao chegar a Paris, conspiciouse, mettu-se na cama, deitou sinapismos Rigolot, e ao fazer d'esta, segundo os telegrammas ultimos da Babilonia da Europa, acha-se em via de completo restabelecimento, o que sinceramente estimamos.

—O sr. José Luciano de Castro passa bem de saúde. Não consta que, por enquanto, esteja disposto a pedir ao amigo Hintze que lhe dê a alternativa no poder.

—O sr. Hintze Ribeiro, durante a quinzena passada, esteve no goso d'um arrelento mau humor, devido a não ser obrigado a fazer mais que 427 escandalos para satisfazer a clientela politica.

—O sr. Mattoso dos Santos continua a cultivar a facécia e o descaramento com uma coragem que lhe tem merecido os applausos do seu amigo Navarro.

—O sr. Zé d'Alpoim apanhou uma dysenteria d'alegria por ter tido ensejo de dizer duas baboseiras acerca do Nacionalismo.

—O sr. Teixeira de Souza tem ido, todos os dias de madrugada, ouvir missa ao Loreto, afim de pedir a Deus que toque no coração do Navarro para se estabelecer a santa paz entre os dois.

—O sr. Navarro, fazendo das tripas coração e do coração uma batata, defendeu nas *Novidades* a criação da companhia da Lunda.

—O sr. Campos Henriques encarregou o sr. D. Alberto Bramão de lhe tirar a arvore genealogica, afim de provar ao sr. Alpoim que não tem costella de judeu. Ao mesmo tempo incumbiu o sr. Sergio de Castro de pedir ao prior da freguezia que lhe passe uma certidão em que atteste que elle, Campos Henriques, vaé a missa aos domingos e dias santificados, afim de provar ao sr. Alpoim que é mais catholico do que elle, apesar de se não dizer «catholico pelo cerebro e pelo coração.»

—O sr. Quirino de Jesus acaba de passar o pé, pela segunda vez, ao *Correio Nacional*; a primeira passou-o para queimar incenso em honra do deus Hintze; a segunda para curvar o joelho deante da deusa Franco. Corre nos circuitos politicos que s. ex.ª ainda ficou com o seu filé de pregar terceira traição aos catholicos, porque os julga sufficientemente ingenuos para ainda tornarem a acreditar no seu arrendimento. D'esta segunda vez, porém, para mostrar a sua gratidão aos catholicos, mimoseou-os com uma valente parelha de coices.

—O sr. D. Thomaz de Vilhena, apenas soube que o sr. Quirino se tinha convertido ás suas ideias, expediu-lhe um telegramma perguntando-lhe quando elle tencionava ir pedir-lhe perdão por o haver censurado e insultado precisamente por elle ter, ha anno e meio, as ideias que o ex-redactor do *Correio Nacional* hoje sustenta com a tezura e energia proprias d'um verdadeiro catholico-francaceo.

—Consta que *Nemo*, ao saber que o sr. Quirino tinha sido despedido do *Correio Nacional* por querer defender a doutrina que Quirino tanto condemnava quando elle, *Nemo*, a aconselhava ao Centro Nacional, se voltou para a imagem de Christo e lhe disse: «Senhor, vós castigais sem pau nem pedra. A vingança tardou, mas chegou. Vós quizestes mais uma vez, Senhor, mostrar a verdade do rifle: Atraz de mim virá, quem bom me fará.»

—O sr. Hintze, ao ver que o dr. Quirino fugiu do Nacionalismo por lhe tirarem a papinha do *Correio Nacional*, disse para o sr. Teixeira de Sousa: «O melro vaé para o Franco. Mas não te apoquentes, que não é passaro para aquecer a gaiola por muito tempo. Pregou-a em primeiro logar a nós; agora pregou-a aos nacionalistas, e amanhã prega-a ao Franco. . . se este lhe puzer o alpiste muito d'alto. E' capaz de a pregar ao proprio Christo!»

## Historia contemporanea

## Carta do marinheiro Soisa ao Navarrão

*Queridissimo amigo*.—Estes dois olhos, que tenho á flor do rosto e que tantas vezes te tem filado amorosamente, tem sido dois uberrimos mananciaes d'aguas de Vidago com a gradação de 40º, depois que tu ingratemente me voltaste costas e me chamaste pouco menos que idiota.

Serias tu, o meu queridinho, o meu *Outro eu*, que escreveste aquillo? Seria a tua penna, que tanta vez e tão prodigamente me incensara, que agora se molhou em fel para denegrir os meus merecimentos? Serias realmente tu, o meu amigo, o meu irmão, o meu confidente, o meu socio, o meu *ego* quem me expoz no pelourinho, apontando-me como um nullo, um cabeça d'alhos, um dessertor, um Zé, como acaçava unir-se ao

Martellavam-me no cerebro, como acerboes espinhos, durante horas, estas duvidas. O meu coração bem me dizia:—Não, não é elle, não pôde ser elle, que pensa como tu pensas, é alma da tua alma, carne da tua carne, sangue do teu sangue, syndicado do teu syndicado. Mas—triste realidade!—se o coração assim falava, a mente tinha outro linguagem, e bradava ao coração, fazendo-o pulsar 120 vezes por minuto:—E' elle, é elle! Não lhe dissesse tu que não podia ser, porque o paiz tinha o olho arregalado sobre os teus meritos actos? Não o informaste de que ias chamar o Julio afim de o convidares a formar a companhia da Lunda, não só para contentar amigos, que estão á espera da posta, mas para atrahir o Julio ao redil, pois acaçava unir-se ao Jacinto, ao Breitandos, ao Camara Lemé e ao Baracho para fazer rija opposição na camara alta? Não lhe dissesse que, para assegurar a acquiescencia do Julio, ias nomear os seus dois filhos para o governo de provincias ultramarinas? Não lhe fizeste ver que perderias a pasta e a posta se entregasses os caminhos de ferro á companhia estrangeira? De que te queixas? Querias dois proveitos num sacco? Não pode ser. Posto elle d'um lado e do outro a pasta, a posta, os amigos e a consolidação do partido, não hesitaste: sacrificaste implacavelmente a carne da tua carne, o sangue do teu sangue, o teu *Outro eu*. Posto tu que escolheste. A tua sorte cavastela pelas tuas proprias mãos. Não te queixes d'elle, queixa-te de ti. Lança-te a seus pés, pede-lhe perdão!

Eis, amigo queridissimo, o que a mente, em horas mortas de tranquillo repouso, me segreda.

Perdoas? Tornas a ser o meu *Outro eu*? Heatas a nossa velha amizade? Esqueces o que lá vaé? Tornas a dizer que eu sou a maior capacidade mental que tem governado a marinha e as colonias? Voltas a advogar a minha candidatura a ministro da fazenda? Posso continuar a considerar-me membro do syndicado? Dás a vida por mim como eu estou prompto a dal-a por ti?

Não me digas que não, aliás pouho-me a chorar como uma creança a quem a mãe não dá a chucha! Não me repillas, senão suicido-me! Não me amaldiçoas, porque morreria de desgosto!

Vem a meus braços, irmão querido das minhas entranhas! Sem ti, que sou eu no mundo? Sem ti, que me importam as aguas de Vidago, Aljió, Sanflas, o José de Azevedo, o Eduardo Coelho, o Hintze e o Alpoim? Recebe-me amorosamente, diz-me que já me perdoaste, que sabes que eu te sou mais fiel do que um cachorro, que penso pela tua cabeça, que tu és o meu cerebro, o meu coração, o meu estomago, o meu ligado, os meus rins, as minhas enxaxecas e o meu João das Regras.

Navarrão amigo, sé generoso, dá-me um ar da tua graça, deixa que repouse a minha cabeça no teu peito, que te faça bichinha-gata no rosto, que te dê amistosas palmadinhas no abdomen, que te coce a careca e que te dê tantos beijos tantos, como de lagrimas tu me fizeste verter desde que me voltaste costas e me descompozeste na gazeta.

Dá alegria a este martyrisado coração; sé meu como eu sou teu. Vamos, amigo querido, abre-me os teus braços, sorri-te para mim como costumavas sorrir-me, chama-me o teu queridinho, o teu bravo direito, o teu amor, o teu *eu*. Da-me a tua amizade e nada mais ambicionarei. Tenha-eu, tão ardente e sincera como antes dos teus amos, e possua uma mísera cabana, onde os dois possamos communicar os nossos pensamentos e combinar os arranjos da nossa vidinha, que me darei por satisfeito. Dou-me todo a ti; dá-te tu todo a mim. Manda resposta immediata pelo portador se não queres que eu estoure de tristeza.

Sempre teu,  
Soisa.

## Carta do Navarrão ao marinheiro Soisa

Sr.—Estranho que, depois do que se passou, você tenha a pouca vergonha de me enviar a carta, que acabo de receber. A sua longa convivencia commigo devia ter-lhe ensinado, que eu sou um homem de caracter, inquebrantavel, irrevogavel, immudificavel nos meus processos e nas minhas opinões. Ali está toda a minha longa vida para lh'o provar. Você não foi um amigo, foi um traidor, um vil Judas, que me vendeu pelos trinta dinheiros da conservação da sua pasta, da manutenção da clientela dos seus amigos e da consolidação d'esse desvergonhado partido, a que você pertence. Você era creatura minha, e não do Hintze e de todos esses borra-botas que o rodeiam a elle e a você.

Quem o fez homem? Eu.  
Quem lhe deu a pasta? Eu.  
Quem o mettu no syndicato, a você que não vale dez reis no mundo da intelligencia e das habilidades? Eu.  
Quem lhe carecejou meritos que você não tem nem nunca souhou ter? Eu.  
Quem lhe estava preparando a caminha para você ser ministro da fazenda? Eu.  
Quem fez com que o Alpoim o defendesse no *Dia* e no *Janeiro*? Eu.

Eu, sempre eu! Sem mim, você é candeia sem azule, coxo sem muleta, cego sem cão que o guie, almirante snisso sem planos estrategicos, pião sem faniqueira, lapis sem bico, bacalbau cozido sem molho, bota sem tacão, relógio sem corda, cigarro sem fogo, pescada cozida sem batatas, uma torrada sem manteiga, caldo sem sal, assorda sem alho, pão sem fermento e vela sem pavio.

Sem mim, você não é você: você é o Soisa, d'Aljió. E você sabe isto, e você sabe que sem mim não vale dez reis de mel coalhado, e ousa dar-me com a porta na cara, petuladamente, despedindo-me como se despede um mendigo impertuno!

Que fumacas foram essas! Você entendeu que me tinha pago todos os serviços empregando alguns dos meus recommendados? Louco!

E os seus juramentos? E os interesses do syndicato? Tudo isto para você são coisas anacadas, pequeninas, insignificantes! O essencial era você crear a companhia com gente sua, atrahir a si o Julio, mostrar serviços ao Hintze, collocar os amigalhos, que não pertencem ao syndicato. Você olhou só para si, para a sua barriga, para os seus interesses; e o seu *eu* que roa uma coada, que lhe sirva de peanlia onde você possa vender livremente o seu elixir, que seja o seu cão de fila, sempre de dentel arrengalhado para quem lhe reffilar. Sabe você que mais? Em vez d'ir para Aljió, vá para Frossos, que é abaxio de Braga!

Resumindo: Não conte vér-me os dentes atravez d'um sorriso amigo enquanto me não arranjar o que sabe. E dá cá e toma lá: você a dar-me a tal coisa e eu a mostrar-lhe a dentuca, a abrir-lhe os braços e a dar-lhe o beijo da fraternidade syndicateira. Sem isso... não me venha vér.

Tenha saúde e mais alegria do que a minha, porque, apesar d'lo parecer que eu tenho um coração de pedra, essa mísera viscera ainda dá, de longas a longes, uns tic-tacs amorosos por você, que bem mal os me recece.

Seu ex-amigo,  
Navarrão.

Pela copia,  
Gryce.

## Modas

Anda ahí uma moda, um bello enfeite de todo o cão e gato usar tabaco!... A rosa na lapella do casaco também não ha um só tuno que a engeite!...

Porém como nem sempre o jardim deite a rosa de marfim, com ceu opaco, d'inverno o tã peralita é qual polaco que nunca põe ao peito a flor de leite.

Tal moda vive em p'riodo, empós inverna, como os reptis que o frio inteiriçou... Mas a do fumo... oh! essa é moda eterna!...

E o que então mais me faz cá revoltar é que um fedelho que hontem mamou ande hoje de cigarro... a fumejar!...

O Pescador.

## Autographos

Para a nossa invejavel collecção, envidando esforços e esforçando envites, obtivemos mais as seguintes preciosidades, exaradas em pergaminho pela propria mão cahota dos seus legitimos auctores:

«As culminancias anticlericeas *crystalizam* a Academia Real das Sciencias e a Academia Real das Sciencias *crystaliza* os aspirantes a socios correspondentes.» *Alves Mendés*.

A troça e a pandega, senhores, são duas palavras magicas que movem, commovem, removem e demovem a alma academica.» *Doutor Manuel Pereira Dias*.

«A minha morte será uma desgraça enorme e uma enorme gargalhada. Eu sou um inteiramente grande artista, não sómente em relação a Portugal, mas em relação ao mundo.» *Ramallo Ortigão*.

«Eis-me sepulto em lodo: ao abandono, Como folha ceifada, ou cão sem dono —A papar moscas e a calir com somno.»

Jayme Cyrne.

«Em meio d'esta deslumbradora pepineira de talentos, neste embryonario cenaculo de tantos homens sem cabeça, na mutuação liberrima das mais independentes e illegitimas aspirações, eu sou capaz de me bater em duello com dois canhões de artilharia nas mangas, aos piparotes com os preconceitos, numa titanica effervescencia da minha mentalidade.» *Abel Botelho*.

## Os duellos

Ao Snr. Alexandre Herculano (1)

Se não fossem as leis, ha tantos annos,  
Como a borracha brandas e flexiveis;  
E entregues ao arbitrio de maganos,  
Aos gemidos dos réus sempre sensiveis  
Quer o sejam de crimes deshumanos,  
Ou d'esforços do genio quasi increveis;  
Se os duellos, emfim, fossem vedados,  
Mil heroes morreriam afrontados.

Mas—graças dos governos á incuria—  
Campeia qualquer parvo de valente!  
Chamando a um gracejo: atroz injuria,  
Pra laval-a fazer seria gente;  
E, de medo a tremer, finge-se em furia,  
O nome quer ganhar de combatente:  
Mas não conheço um coxo ou aleijado  
Que fosse num duello assim marcado.

Supponhamos que um dandy, um cupidinho,  
Vai o rasto seguindo á sua ella:—  
Um menino de collo e bonitinho,  
Que um doce está papando na janella,  
Faz da casa cascata e (de mansinho)  
Um chafariz se torna, sem cautela...  
E soa no chapéu da nossa joia  
Estrondo, qual de chuva em claraboia.

Diz consigo o janota: «Estou perdido...  
Não me devo portar como um galucho».  
E as escadas galgando, enfurecido,  
Lá vai pedir ao pae do pequerrucho  
Cabal explicação do sucedido,  
Se uma bala não quer dentro do bucho!  
Já fala de pistolas e d'espadas...  
E ri-se o auctor do insulto ás gargalhadas.

Se da casa o senhor é já pesado  
E c'o joven não quer uma pendeancia,  
Pede, humilde, perdão; e socegado,  
Do filhinho mostrando a innocencia,  
A familia apresenta o moço irado  
E lhe offrece com ella convivenca:  
Já pacato o rapaz não quer vinganças,  
E em polkas tudo acaba e contradanças.

Dêmos, porem, que, em vez de homem sisudo,  
E' da creança o pae ratão de gosto;  
Que, o valente escutando carrancudo,  
Tremendo bofetão lhe manda ao rosto,  
E a escada o faz transportar, portal e tudo,  
Sem para o desafio o ter disposto!  
Eis um caso horroroso e formidavel,  
No qual é um duello inevitavel.

De raiva em fogo ardendo o cavalheiro,  
Corre a casa, inda cheio de vaidade,  
Manda logo o chapéu ao chapeleiro;  
Na face, onde apanhou, põe alvaiade;  
Recorre, inda a tremer, ao seu tinteiro  
E d'este modo invoca uma amizade:  
«Fulano—Se és o meu maior amigo  
Vem cá! da minha honra acode ao p'riço.»

Lá vem o pobre amigo esbahorido,  
A causa quer saber de tanto alarde;  
E da razão do heroes já convencido,  
Pela vingança vota, e que não tarde.  
«Pois então, parte já (diz o offendido)  
Um duello propor ao vil covarde;  
Porem previne-o lá, que se conforte,  
Porque d'um de nós dois é certa a morte!»

(1) Podemos crer que o chistoso Faustino X. de Novaes, quando dedicou esta satyra ao celebre escriptor, ignorava ter elle proprio intentado dois duellos, querendo assim dirimir questões de pundonor litterario com dois homens edosos e alheios ás armas. Eram estes o rev. Francisco Recreio, da Congregação do Oratorio de Lisboa, e o eximio professor de arabe, Antonio Caetano Pereira: ambos repelliram o cartel de desafio, como lhes cumpria, e o fizeram constar briosamente, deixando o altivo caracter de Herculano bem achataado e a sua probidade litteraria patente nas mesquinhas proporções a que elle a reduziu com procedimento tão indigno d'um homem de bem e d'uma penna superior.—Nota d'esta redacção.

Eis em marcha o padrinho, que apressado  
Se dirige ao ratão, pae da creança,  
Que, o convite escutando socegado,  
Responde, a rir, que é justa essa vingança;  
Do combate o logar fica marcado;  
Arma escolhida, e hora, sem mudança:  
Satisfaz ás demais formalidades  
E rompem-se as crueis hostilidades.

Chega, emfim, da batalha o duro instante!  
De pistolas nas mãos os combatentes  
Um a rir-se da graça, outro arrogante,  
C'os padrinhos no campo estão presentes.  
Dão fogo... eis que uma bala fulminante  
Ao mancebo, infeliz nos precedentes,  
Quatorze pellos queima do bigode  
E o beijo, que jámais produzir pôde.

Fazem-se os cumprimentos, e em seguida  
Poem-se os dois campeões em retirada:  
Vai o triste rapaz curar a frida,  
Com honra tanta, com valor ganhada,  
E embora conte já na insana lida  
A molhadella, o tiro e a bofetada,  
Brada, cheio de si, ao mundo inteiro:  
«Assim é que se vingam cavalheiros!»

Se eu pudesse chegar a ser, um dia,  
O director da casa dos orates,  
Nenhum d'estes heroes lá chegaria  
Que entrada não tivesse, e sem debates.  
Mas vós, que padeceis d'essa mania,  
Não me chameis por isso a taes combates;  
Debalde tomareis o caso a peito:  
Declaro, alto e bom som—que não aceito!

Porto, 15 de Dezembro de 1854.

Faustino Xavier de Novaes.

## Corrente electrica

## Um suborno

—E agora?  
—Elle está acolá.  
—Esperemos.  
Esperaram; os minutos pareciam horas. Inquietos.  
—O malandro seguramente está ali pegado.  
Nem se mexe. E é urgente entrarmos, porque d'aqui a poucas horas é dia. Tu espera aqui, enquanto eu lhe vou vér o focinho. Com geito tudo se faz...  
—Boas noites, seu guarda.  
—Boas noites.

—Faça favor do seu lume... Que frio está! Nem sei como você não tem gelado!  
—Deixe-me aqui, homem. Não ha vida mais desgraçada. N'este posto passo uma parte da noite e do dia, para ganhar uns miseros vintems.  
—Quanto?  
—Até me envergonho de o dizer. Tres tostões diarios!... Veja como hei de vestir e calçar, e sustentar a mulher e filhos com esta quantia.

Aqui o guarda começou de engrilar para o lado, despertado talvez por algum movimento que fizesse o que na sombra estava esperando, e disse, baixinho:

—Um vulto, acolá! Sentido!  
—Descance; é um amigo que me espera.  
Continuemos: commove-me a sua situação, e se me dá licença offereço-lhe esta pequena quantia. (Eram cincoenta mil reis.)  
—Oh! meu caro senhor! V. Excellencia é um amigo que me apparece...  
—Não falemos mais n'isso. O meu companheiro tambem alguma coisa lhe vae dar. *Psiiu, psiiu!*

O outro em voz baixinha:  
—Que queres?  
Tambem baixinho:  
—Vem cá. Condoído pela triste situação de este pobre guarda, acabo de lhe offerecer cincoenta mil reis. Talvez lhe possas dar tambem alguma coisa.  
—Sim, senhor. Dou-lhe vinte mil reis—unico dinheiro que trago commigo. Estes guardas são muito mal retribuidos. Pobres homens!

O guarda:  
—Ah! meus ricos senhores, Deus lhes dê tantos annos de vida, como de reaes têm esta quantia...  
—Bem, bem; não falemos mais n'isso.

—Nunca me esquecerei de tão grandes benefiteiros.

—Mas olha, ó guarda, temos ali umas coisitas... — umas bagatelas — se quizesse, deixaval-as passar.

—Tudo, tudo o que quizerem. Não me comprometam, e tudo passará não só hoje, mas sempre que eu aqui estiver.

—Bom rapaz! (batendo-lhe os dois no hombro.)

E em duas carroças enormes como a area de Noé passaram um casco de azeite (que não era azeite, mas oleo para fazer azeite), vinte saccos de farinha, (que não era farinha, mas serrim para fazer pão), sete odres de vinho, (que não era vinho, mas agua de pau de campeche), desoitto barricas de manteiga, (que não era manteiga, mas margarina), tudo drogas para envenenar os alfacinhas que d'ahi a um mez, depois de tudo composto, não se livraram do vaso da noite, com uma desinteria que parecia já o colera-morbus.

—Ai! a minha barriga! Ai! a minha barriga! Não se ouvia outro grito em todos os habitantes da baixa que consumiram as drogas, e raios não faltavam aos mixordeiros, aos delegados de saude, e até ao celebre caixa de oculos que de ratos e ratazanas, de febres e bubões tirou meio de passar vida regalada.

Os dois mariolas que subornaram o desgraçado guarda, riam-se do caso, e já pensavam em fabricar novas dozes. *Sagittario.*

## Sobre o requerimento de Dona Bronzea

(Veja-se o n.º 8 do Petardo, pag. 3)

Dona Bronzea, eu indefiro  
O vosso requerimento  
Com profundo sentimento  
E dando um alto suspiro;  
Pois a burra a que eu aspiro  
E' de metal loiro e branco:  
Ide alli ao João Franco,  
Que veja a vossa desgraça,  
Que se mexa e que vos faça  
Logo dar o extremo arranco.

Pedro Sem... Vintem.

## Noticias de Lisboa

Tem tido conferencias com alguns peixeiros de Setubal o sr. conselheiro Mariolano, guardando-se o maior segredo sobre o assumpto, que todos sabem referir-se ás eleições d'aquelle municipio.

—Consta que vai ser collocado um pharo em Cascaes sobre a cabeça do sr. Jaime da Costa Pinto.

—O sr. Cain de Andrade, o indiscutivel, continua telephonando aos jornaes da tarde para lhes dizer o que fez de manhã, aos jornaes da noite para lhes participar o que pensa de tarde, e aos da manhã para lhes communicar os seus trabalhos da noite.

—No espaço de duas semanas sahio de quatro casas e entrou em tres com bons ajustes a sr.ª Maria Loureira, creada de servir, assidua collaboradora dos jornaes de grande circulação na secção de annuncios.

—Somos informados que a sciencia da inspecção geral da saude publica no continente e nas ilhas adjaacentes vai falar, dizendo a ultima palavra sobre o sarampo, sobre a fome, sobre as hexigas e a bexiga, porque é incontestavel que tem pensado e dormido sobre o caso.

—Diz-se que virá de Londres uma draga de nova invenção para limpar as lamas do Terreiro do Paço. Damos esta noticia com toda a reserva e limpeza.

—Brevemente apparecerá um estudo d'um alto funcionario e applicado naturalista sobre a formiga branca e os seus estragos nos gabinetes ministeriaes. E' prefaciado por Alberto Bramão com dois fadinhos.

—Consta na mordomia-mór que vai ser agraciado com o titulo de marquez de Pancas, em vida e meia, o sr. D. Thomaz de Almeida e Vilhena etc. etc., que é de juro e herdade senhor de Pancas e já transportou para Braga este seu dominio inalienavel.

# LOLIUM TEMULENTUM



ZERO

Separando o trigo do joio, significa o cuidado que ha nas fileiras do Nacionalismo, expulsando os refalsados que pretendiam corromper as suas doutrinas, abastardar os seus principios. Bem hajam pela destruição de quirinices.

# Os conc... ursos do nosso paiz



Um povo que se constitue nacionalidade com o auxilio d'um bufão; (1)

Que vive coberto de bufos

E tem na barca do estado um homem que entretém o parlamento com bufonarias!

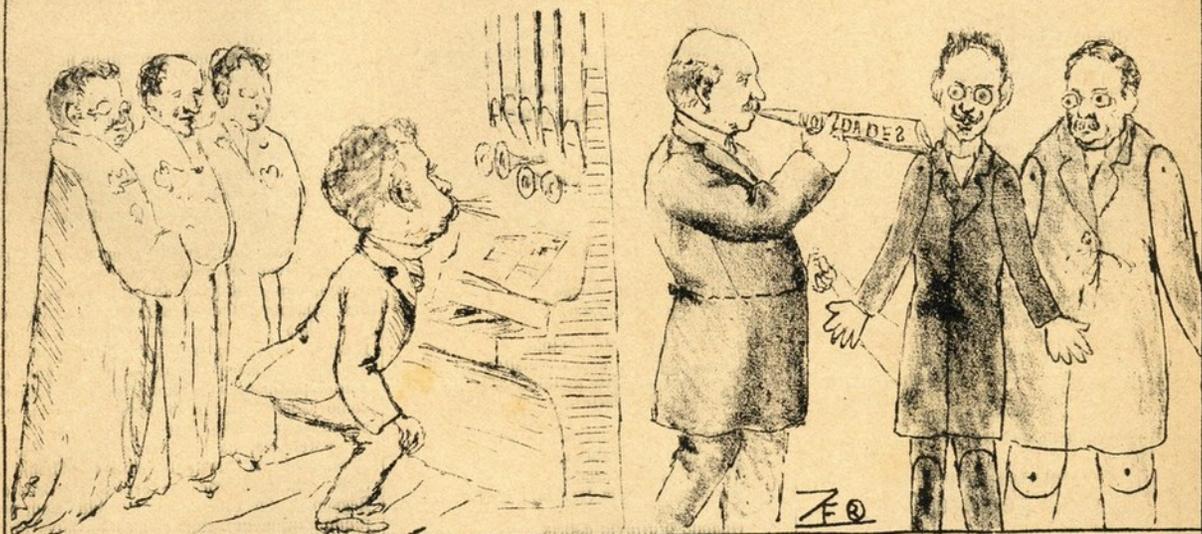


Que bufa no verão

E no inverno;

Quando come

E quando bebe;



Não podia deixar de abrir concurso para prover o logar d'um que bufe ao órgão da capella universitaria,

Visto haver órgãos que bufam aos gabinetes a orientação da governança.

(1) Vid. O Bobo, de A. Herúmano.

## Frei Thomé...

Frei Thomé, o quasi frade,  
Era tão religioso  
Que, sem ser mentiroso,  
Poder-se-hia chamar *santo*,  
Sempre a bater com a fronte  
Do templo nas lages frias,  
A rezar Ave-Marias,  
E a regal-as co'o seu pranto.

Apenas o heroe soubesse  
Que havia uma missão,  
Lá partia á pregação,  
Humilhado e mais do que isso.  
Beijava a fimbria dos habitos  
Aos frades de muita idade,  
Co'uma *santa humildade*,  
Como se fosse um noviço.

Visitava os mosteiros  
Chorando pranto calado  
Por não se julgar chamado  
A' vida religiosa;  
E ao apartar-se dos frades  
Chorava em choro tão forte,  
Que quasi ás portas da morte  
Punha a vida tão *preciosa*.

Fez-se em paga campeão  
Do nobre catholicismo,  
E as regras do Christianismo  
Prégava a toda a cidade.  
E o Thomé, quando falava  
Aos ouvintes bem-creados,  
Só tinha os olhos pregados  
Do ceu na immensidade.

Correu fama e té fidalgas  
Começaram a affluir;  
Todas q'riam ir ouvir  
A eloquencia do rapaz.  
E o meu *santo*, ao ver aquillo,  
Tirou os olhos do ceu;  
Foi onde elle se perdeu,  
E onde tudo andou p'ra traz...

E no meio do *sermão*  
Abria já cada olho  
Que par'cia um repolho  
P'r'ó auditorio feminil.  
E esquecido dos conventos  
Um dia, quem tal diria?  
Foi casar-se á freguezia  
Co'uma dama mui gentil.

E depois, meu anjo bento!  
Começou de espesinhar,  
Os frades, e a esbracejar  
Com um odio sobre humano,  
Que os antigos companheiros  
Julgaram-no endiabrado  
E q'riam-no exorcizado  
P'lo Pontífice Romano.

Um d'elles, o mais experto,  
Voltando-se, aos outros disse:  
Exorcismo é parvoice  
Em firma como essa é.  
Fez-se *frade e santarrão*  
P'ra arranjar um bom petisco;  
Hoje não precisa do isco,  
Por isso é leve do pé.

O homem queria casar,  
E não sabia a maneira  
De arranjar a brincadeira  
Por, talvez, não ter vintem.  
Fez-se *frade* assim manhoso  
P'ra apanhar grosso bocado,  
E depois d'elle engrolado  
Fez-se moainete tambem.

Nicles.

## O peralta

Vêde-o, que além vae, meneando fementemente as ancas, por entre os grupos de passeantes.

Um astro de encantadora belleza, o gentil manchebo.

Lenço fino e amavel, a sahir, n'uma *pose* artistica esabia, do bolso superior do irreprehen-

sivel frak, como uma sécia de faces carminadas debruçada coquettement á janella, collarinho esguio e lustroso servindo de estaca esbeltissima a um pequenino craneo, para o qual este precioso objecto—de um effeitarrão!—tem apenas o inconveniente de vedar a entrada de um sangue utilissimo para as anemias; botas brancas, muito brancas, tão brancas como o seu espirito ingenuo de *dandy*, cuja crystallina limpidez não turva o revolucionario germen de uma unica ideia transcendente—com que delicioso garbo elle passa, despedindo para todos os lados as deslumbrantes fascinações do seu olhar de aguia, do seu olhar de intelligentissima ironia, onde se vê a luz de um genio e se adivinha a audacia de um leão de salas, cançado de combates e glorias...

Admirem, sobretudo, a graciosidade do sorriso com que prende o coração das jovens, do alvar e maviosissimo sorriso a que sabe dar, com a rapida e mystica luarada de um olhar, uma irresistivel sedução.

E o peralta passa, e ao vêr que todas as atenções para elle convergem, sente que as convulsões dulcissimas de um regosijo sem limites lhe exagitam os espartilhados seios... d'alma. E' que adquire então, mais plenamente que nunca, a consciencia dos esplendores da sua apparencia externa, do bello e destacante realce da sua luminosa figura.

E o vêr-se reparado, notado, contemplado, como um *bijou* d'elegancia, um modelo primoroso (no traje) do bom tom, um figurino vivo, emfim, das ultimas modas de Paris—desde a alma intellectiva até ao pequenino craneo e a espinal medulla, o chapéu e o frak:—é o seu supremo ideal, a sua unica aspiração, o seu sonho doirado...

Oh, feliz, elle!

De quando em quando, um olhar de ironia inquisidora e galhofeira, um epigramma breve e caustico, um casquinar de aspero sarcasmo parece querer mostrar-lhe que nem tudo são admiradores, extasiados, em pasmo chinezmente reverencial, ante as soberbas fulgurancias do seu mago perfil.

E, então, a sombra de um desgosto o visita, porque é levado a attentar, ainda que por instantes, na vã inanidade das exterioridades faustosas, no ridiculo do peraltismo, que, com o exaggerado apuro no vestir, julga fazer esquecer aos outros a falta de ideias que lhe empobrece a mentalidade...

Mas é nuvem que passa rapida, e o *dandy* se entrega de novo ás rejubilações intimas da propria contemplação, dos «prodigiosos» effeitos do seu olhar de aguia, do seu sorriso de sedução irresistivel.

Coitado...

Não darão as bemaaventuranças, a este, um logar no reino dos céus?... Oscar Luso.

## Os Jesuitas

Mandou um sabio da Persia  
Ao sór Lino d'Assumpção  
Um papyro contemporaneo  
Da burra de Balaão.

Dos Jesuitas a historia  
Conta tim-tim por tim-tim;  
E traduzido em vulgar  
Parece que diz assim:

—Saberás, ó sabio eximio,  
Que as pragas mais exquisitas  
Cahidas sobre este mundo  
São obras dos Jesuitas.

Quando Eva foi tentada  
Pela serpente maldita,  
Trazia esta a seu lado  
A sombra de um Jesuita.

Quando o diluvio cobria  
A terra de agua infinita  
Esguichava d'entre as nuvens  
A bomba de um Jesuita.

De Troya, o excidio, e a guerra  
Dos Centauros e Lapithas,  
Tudo isto foi devido  
A's tricas dos Jesuitas.

Da Antiga Roma e Carthago  
Luctas na historia descriptas,  
A quem devem imputar-se?  
Sem duvida aos Jesuitas.

Se nas couves ha lagartas,  
E no corpo ha parasitas,  
E' tudo por *malas artes*  
Dos marotos Jesuitas.

Se as mulheres não são homens,  
Se as feias não são bonitas,  
E se os Linos são pedantes,  
A culpa é dos Jesuitas.

Se os burros não são cavallos,  
E se desbotam as chitas,  
E o Bombarda diz asneiras,  
Imputem-no aos Jesuitas.

Na França o grande Combes  
Se traz o demo ás cabritas,  
E' porque traz man olhado  
Deitado por Jesuitas.

Se Zola morreu d'asfixia,  
E tambem da sobredita  
Se finou o seu *tó-tó*,  
Alli andou Jesuita.

Se os mixordeiros se riem  
Das sanitarias visitas,  
E' porque estão filiaados  
Na seita dos Jesuitas.

Se o Jeronymo fez  
Certas falcatruasitas,  
Foi p'ra mandar um presente  
Ao Geral dos Jesuitas.

Se Alpoim fez na *Justiça*  
Injustiças inauditas,  
Foi p'ra arrumar os parentes,  
Que são todos Jesuitas.

A's armas pois, jacobinos,  
Venham forcas, venham guitas,  
E vamos por uma vez  
Dar cabo dos Jesuitas.

Pi-Careta.

## Noticias graudas

A sr.<sup>a</sup> Viscondessa dos Brilhantes Falsos picou-se, ha dias, no dedo minimo da mão esquerda com um allinete de freira. Hoje haverá por este motivo uma conferencia de summidades clinicas, que esperam impedir com operações microscopicas a sahida das tripas da gentilissima titular.

—Queimou-se um poucochinho no metacarpo da mão direita a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia, uma das mais distinctas sopeiras da alta sociedade portuense. Sentimos; e desejamos as melhoras da illustre queimadinha, que tão bons pitêus sabe guisar.

—Nos mercados jornalisticos do paiz sente-se a ordinaria falta de sal attico. N'esta redacção vai-se remediando com pimenta a escassez do dito sal.

—No sitio do Carvalhido tem andado a população levantada desde pela manhã. Tambem se teme que, em havendo peixe ao romper do dia, haja um grande levantamento na Afurada.

—Uma gata do nosso assignante sr. José Bichano teve o seu bom successo, ou, como se diz em linguagem felina, a sua *délivrance*. Muitos parabens. Os gatinhos sahiram robustos como sabem todos os meninos que, ao nascer, se annunciam nos jornaes.

—Acha-se, ha dois dias e meio, muito incommodado o prestante cidadão Thomé da Cruz com uma dôr nas cruzes. Na Cruz das Regateiras foi esta noticia recebida com profundo sentimento. Hoje iremos ao Calvario informar-nos do estado do nosso amigo, o qual estado era até hontem a cruz do matrimonio.

—Pelo ministerio das obras publicas e privadas foi expedida para Braga uma portaria, acompanhada d'uma porta, que deverá tapar o formoso arco da Porta Nova; mas por emquanto a dita porta com a sua portaria fica abaixo de Braga á disposição do governo civil.

## Correio de casa

**Antonio Zarco.**—Então o cavalheiro que quer? O *Tristão* estava no seu direito de o não considerar como da família. Dos pergaminhos não consta o seu nascimento. Ergo, ou o cavalheiro se arrogou nome de família que não tem, ou é filho das tristes ervas. Quanto á publicação do seu desforço,

Vae-te embora, Antonio,  
Vae-te embora, vae!

porque *non potest esse*: falta-lhe sal attico e tem pimenta com'a burro. Adeusinho pois, Antonio!

**Castanha pilada.**—Pois, seu *Castanha*, o seu fructo da arvore da familia das amnataceas cupuliferas é durissimo de roer. Se você o tivesse posto a abohorar em bom vinho do Porto, talvez passasse pelo gorgomillo d'*O Petardo*. Tal como veio, foi logo despachado para a alcofa do lixo.

**Capa rota.**—Obrigadinho pelos conselhos, mas... indeferido. Caro amigo: *tot capita, tot sententia*. O amigo tem apenas uma cabeça, sem contar, é claro, com as dos dedos dos pés e das mãos; e por cá temos uma meia duzia, tambem com a citada exclusão, que constitue o nosso Conselho d'Estado, que pensa de modo diverso. Ora como, se não fossemos com a maioria, começaria tudo para hi a berar que não eramos *libaracs*,—nós, que não queremos passar por velhotes de lenço vermelho e caixa de rapé, seguimos a opinião do maior numero, embora façamos asneira. E' que não podem caber dois proveitos num sacco, amigo.

**Gozoso.**—Quando lançamos os olhos para a sua assignatura, lemos *Gozoso*, embora o amigo tenha uma calligraphia capaz de rivalisar com o cursivo em letra de molde. *Gozoso* é o rabo-leve do actual ministro da marinha. Exultamos de contentamento! Pois o illustre ministro quereria fazer-nos a honra de prosar na nossa humilde gazeta? E atiramo-nos logo á leitura como gato a bofes. A prosa era digna da penna aparada do ministro, lá isso era; mas, em chegando ao fim, lemos melhor a assignatura e vimos, com profundo desgosto, que estavam illudidos: era o *Gozoso* quem escrevia e não o *Gozoso*. Em revindicta, pois o que mais nos custa nesta vida é que haja quem nos queira impingir gato por lebre, fizemos o papel em quatro pedaços e... era d'uma vez a *Historia dum cão!* Ora aqui tem o *Gozoso*, tim-tim por tim-tim, a razão por que a sua prosa foi para o pó do tumulo. E vá-se entretendo com o cão nas horas vagas, que vale mais isso do que estar a pensar na morte da Maria Rita, que, segundo reza a historia, se alou para os paramos incognosciveis (repare para esta belleza de phrase e diga-nos se não é digna d'ir para o seu *carnet!*) sem dizer—agua vae!

**Picareta.**—Meu caro senhor,—ha duas especies de narizes com os quaes embirramos solememente: é com os acavallados, que o *Zero* diz serem os classicos, e com os de picareta. O cavalheiro entra-nos em casa, começa por nos apresentar o seu embirrento nariz, faz-nos perguntas indiscretas, e nós—temos a honra de o mandar pentear macacos, porque... porque embirramos com o seu nariz, está dito!

**Rosmaninho.**—E' um cheiro muito agradável; mas este, se a pituitaria nos não engana, é falsificado.

Pois o *Rosmaninho* não nos diz abruptamente, sem refoelhos, sem periphrases, que não gostou d'isto, d'aquillo e mais d'aquell'outro do ultimo numero d'*O Petardo*?

Mas que quer o *Rosmaninho* que lhe façamos?

Não sabe que, depois de burro morto... enterra-se para não cheirar mal?

Além d'isso, *Rosmaninho* amigo, se encontrar n'*O Petardo* duas paginas de prosa que lhe agradem, dê as outras duas de presente... a quem quizer, e cara alegre, porque dar sopa, arroz, vacca, ensopado, frituras, almondegas, esparragado e assado—tudo saboroso, só no *Avenida Palace*, onde cada caveira paga uma libra por dia, afóra a engraxadella das botas e a gorgeta aos creados.

E viva, por muitos annos e bons, em com-

panhia de quem mais deseja; e nós que lh'os contemos, aos annos, que é signal que somos vivinhos, como a sardinha d'Espinho.

## Charada

Em Roma, centro catholico,  
Intra muros encaixado  
Estarei eu sempre prompto  
Para ser por vós chamado—2

E não dirás mal da vida  
Para tantos desditosa,  
Se á mesa conservares  
esta fructa tão mimosa—2

Passeia por esses campos,  
Dá voltas pelas aldeias,  
E acharás esta ave  
Pela qual tanto anceias.

Barão d'Albaret

## Logogrifo

Porque não anda direito?—4, 2, 3, 4, 2.  
Que homem este sem juizo!—4, 2, 8, 2.  
Veja que não é vulgar,—3, 7, 3, 2.  
Um plano assim tão lizo.—8, 7, 6, 2.

Usavam os senadores—4, 2, 6, 7.  
Isto sempre em suas casas,—1, 2, 3, 4, 7,  
E por ser mui precioso—2, 5, 3, 2.  
Ser vicio tu não julgavas?—6, 5, 8, 7.

Out'ora fui poderoso,  
Ostentei gigantes brilhos;  
Hoje estou agonisante...  
A causa são os maus filhos!

Sic.

## Charada novissima

Anda sempre pelo chão, por isso não vê  
este saboroso fructo!

Sic.

## Adagio a adivinhar

(Do numero anterior)

Decifração:

Cada qual sente o frio  
Conforme anda vestido.

## Charadas novissimas

(Do numero anterior)

Decifração:

1.<sup>a</sup>—Diamantino.  
2.<sup>a</sup>—Constantino.  
3.<sup>a</sup>—Petardo.

## Charada combinada por syllabas

(Do numero anterior)

Decifração:—Porto.

## Charada combinada por letras

(Do numero anterior)

Decifração:—Covilhã.

## Novissima

(Do numero anterior)

Decifração:—Rita.

Decifração da 1.<sup>a</sup> charada do n.º 7—Rapina.

## Expediente

**A todos os nossos presados assignantes que se acham em debito das assignaturas, rogamos a fineza de satisfazerem os seus pagamentos até ao dia 15 do corrente mez. Desde essa data em diante, aos que ainda não tiverem satisfeito os seus debitos, começaremos a enviar para o correio os recibos d'anno com um augmento de 50 reis para a ajuda das despesas do correio.**

*E' absolutamente indispensavel que os pedidos sejam acompanhados do n.º que tem a cincta, que é o numero do assignante. A falta d'esta condição importa falta de resposta.*

Quem receber dois exemplares faz-nos grande favor mandando um com a nota seguinte: *Por vir em duplicado.*

## Correspondentes

São nossos correspondentes os seguintes cavalheiros:

**Porto**—Antonio Pacheco, Praça da Batalha, 115.

**Braga**—Padre João de Barros, Collegio da Regeneração.

**Covilhã**—Padre José da Costa e Oliveira Pinto.

**Povea de Varzim**—Padre Philippe Montenegro.

**Illa de S. Jorge**—Padre José Jesuino d'Utra.

**Portalegre**—Padre Francisco d'Andrade Sequeira.

**Seminario do Porto**—David Fernandes Coelho.

**Seminario de Evora**—Padre João da Costa Lobato.

**Seminario de Lamego**—Antonio Taveira da Costa.

**Illa de S. Miguel**—Padre Gabriel Pereira Moniz.

**Angra**—Padre José Maria do Nascimento.

**Illa do Pico**—Padre Francisco Goulart Martins.

**Illa do Fayal**—Padre Antonio Ignacio da Silveira Salão.

**Velas (Açores)**—Padre José Silveira Goulart.

**Seminario de Santarem**—Francisco C. Nunes.

**Seminario dos Carvalhos**—Padre Manoel S. Pinheiro de Souza.

**Seminario de Vizeu**—José d'Abrantes Pais.

**Seminario de Bragança**—Manoel Joaquim Cardoso.

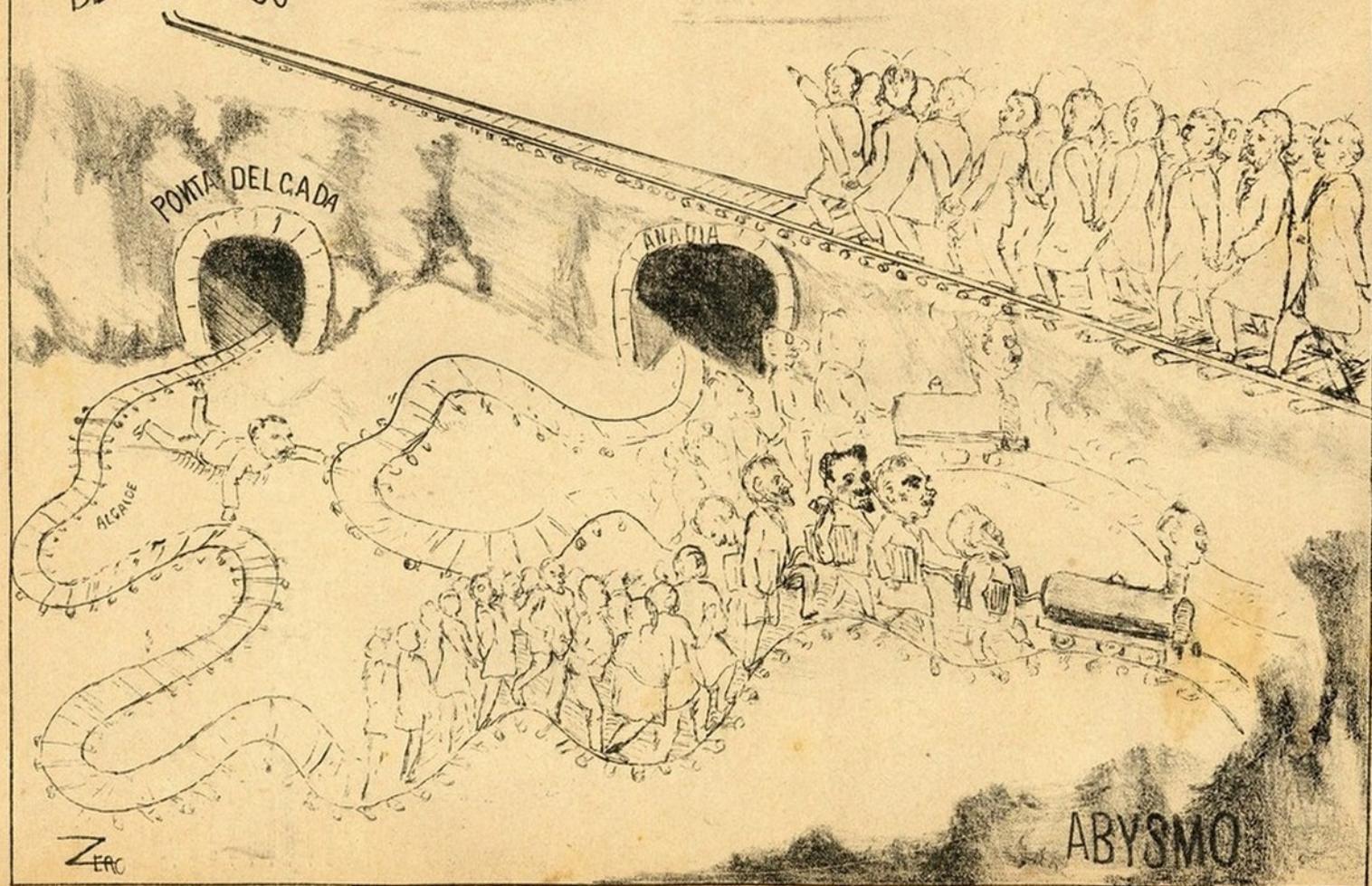
## Serviço da administração

Pagos os numeros

2059, 1575, 2061, 1966, 2394, 1311, 1744, 1274, 750, 822, 785, 780, 1322, 2735, 2402, 1286, 1285, 1912, 1599, 2340, 2362, 871, 569, 1743, 1014, 1012, 1008, 2426, 262, 268, 267, 264, 573, 576, 266, 263, 1268, 265.

BEM PUBLICO

# NACIONALISMO E ROTATIVISMO



Os rotativos, ligados n'um só estomago e guiados por uma só aspiração—encher a barriga—  
lá vão por linhas sinuosas comboyando o paiz e tudo que elle tem de mais caro—a Religião—para  
as profundezas do abysmo; ao passo que o Nacionalismo se une para o tirar do cairrel do barathro